

# Homenagem a Clara Mafra

Em julho de 2013, a Profa. Clara Mafra, antropóloga, coordenadora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ e coeditora de *Interseções*, faleceu em decorrência de câncer. Diversas foram as homenagens que recebeu no meio acadêmico, no âmbito de associações científicas, programas de pós-graduação e periódicos.

Como seus colegas na Editoria de *Interseções*, julgamos não haver nada mais adequado do que prestar nossa homenagem a ela aqui neste espaço de trabalho que compartilhávamos. Foi por essa razão que propusemos às colegas de sua linha de pesquisa que elaborassem um pequeno texto que pudéssemos publicar em sua memória neste mesmo número de *Interseções* que traz um dossiê co-organizado por ela.

Recebemos, juntamente com o texto de suas colegas de linha, um outro de autoria de seu orientando Bernardo Guerra, que incluímos aqui como forma de registrar as várias frentes de sua atuação acadêmica na UERJ – como coordenadora, editora, pesquisadora e professora. Foi essa a forma que encontramos para também prestar a Clara nossa homenagem.

Helena Bomeny, Maria Claudia Coelho e Paulo D'Ávila

*Editores*

## “Curta a vida, não se esqueça disso”

No meio de uma atividade no espaço do PPCIS (no dia 26/11/2013, exatamente dois dias antes do que seria o aniversário de Clara), – ouvindo a fala do antropólogo Peter Fry, que compartilhava conosco as lembranças da trajetória dele em muitos planos, e depois vendo o seu filme focalizando a vivência de religiões cristãs na África – fluiu para nós intensamente a lembrança de Clara, que estaria ali, como muitas vezes teria estado, usufruindo e participando daquele encontro.

Temos vivido muitas homenagens à querida colega e amiga Clara, que partiu no dia 19 de julho de 2013, mas aqui se trata da *nossa* homenagem, nós da “sala da linha”, que compartilhamos com ela tantas das coisas a que se

dedicou na UERJ. Nesse sentido, como disse Patricia Birman<sup>1</sup> na homenagem que os amigos, familiares e colegas fizeram para Clara em 30 de agosto de 2013, na capela ecumênica da UERJ:

“A escolha da UERJ para fazer essa homenagem de despedida deveu-se ao fato de Clara ter feito da Universidade o seu lugar de trabalho no sentido pleno do termo: lugar de pesquisa, de trabalho institucional, de ensino e de formação de estudantes – a UERJ foi uma dimensão fundamental da sua vida. Sem dúvida, a Universidade muito se beneficiou dessa sua dedicação cotidiana, particularmente as Ciências Sociais, que nucleamos e expandimos com publicações, eventos, bancas, revistas, e trabalhos de divulgação para um público mais amplo. Mas eu queria mencionar um pequeno canto nessa imensa UERJ, relacionado à disposição de Clara e ao seu trabalho: a ‘nossa sala’ – a sala ocupada por um pequeno grupo, que em parte se confunde com a linha de pesquisa ‘Religião e movimentos sociais’, mas incluindo também estudos de antropologia do cristianismo, da cidade e do meio ambiente: Sandra, Cecília, Márcia Contins, Márcia Leite, Rosane, Lia, e eu, Patricia, partilhamos com Clara durante mais de 10 anos esse mesmo lugar (Lia é mais recente, eu sei). Pequeno canto, apertado, desorganizado, sempre com gente entrando e saindo – a Clara bem que tentou arrumar – sabendo que, no final das contas, todas nós, mulheres amigas e colegas, tínhamos uma vontade não muito explicitada de ficar ali mesmo, juntas, apesar de possíveis facilidades em alguns outros espaços divididos. O espírito dessa sala – de amigas e companheiras, capazes de falar de tudo um pouco e de abrir a porta para estudantes e colegas, para discutir projetos e formas de viver a vida – Clara especialmente cultivou”.

Trata-se aí de uma menção à nossa “sala da linha”, com tantas repercussões das quais Clara faz parte, mas queremos também apontar para suas atuações, não só nas linhas de pesquisa de “Religião e movimentos sociais” e “Estudos urbanos e percepções do ambiente”, às quais estiveram vinculados seus bolsistas e orientandos de diversos níveis, mas também em outras de suas frentes de trabalho na UERJ. É o caso da chefia do Departamento de Ciências Sociais (2005-06) e da coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (2011-12); do projeto do jornal mensal e digital *Na Tela* no âmbito do Departamento de Ciências Sociais; da criação e coordenação

---

<sup>1</sup> Em fala a ser publicada na revista *Religião e Sociedade*, outro espaço que foi também habitado pela Clara.

do Grupo de Estudos de Cristianismo; da promoção de seminários de âmbito nacional e internacional; da seleção em editais que propiciaram a melhoria da infraestrutura da graduação e da pós; e da participação na editoria desta revista *Interseções* – dentre outras atuações que podemos estar omitindo.

Em todas essas frentes, Clara agiu com admiráveis rigor e empenho – que eram uma característica sua –, a mesma característica que se manifestou no enfrentamento e na luta contra um câncer em princípio não enfrentável. Sempre disposta, sempre em busca do próximo passo diante do insucesso da tentativa anterior, ela tentava tudo o que estava ao seu alcance.

Rosane, muito próxima de Clara, mas próxima também em razão das coordenações que compartilharam (do Departamento e da Pós de Ciências Sociais na UERJ), conta que, quando Clara já estava mal e em tratamento em São Paulo, numa conversa por telefone, ela, Rosane, reclamava de uma tese de orientando que tinha que não só ler, mas também corrigir, consertar, ajustar (coisa que muitos sabemos do que se trata, e que vira um castigo quando vamos adiando e aí só resta aquele fim de semana). E Clara, na sua inexorável situação, respondeu: “quem me dera!”. Rosane ficou desconcertada e emocionada, disfarçou e continuou firme a conversa sobre muitos assuntos. Ao terminar, Clara disse ainda: “curta a vida, não se esqueça disso”. Esse “noves fora” da nossa homenagem, esse recado, que a tudo transcende, é o que queremos compartilhar com todos como uma herança de Clara. Salve Clara!

Cecília Mariz  
Lia Rocha  
Márcia Contins  
Marcia Leite  
Patricia Birman  
Rosane Prado  
Sandra Carneiro

## **O segredo de tecer labirintos**

Foram mais de cinco anos.

Conheci Clara em 2008, na minha primeira aula no curso de Ciências Sociais aqui da UERJ. Os veteranos diziam que era pra estudar muito porque a professora que ia dar aula de antropologia era exigente demais, que pegava pesado.

Logo nas primeiras semanas do curso, lembro que ela começou a aula perguntando quem tinha lido o texto. Como poucos tinham lido, ela simplesmente falou que não poderia continuar se a turma não ajudasse, pegou as coisas e saiu. Todo mundo ficou estarecido! Naquele dia eu aprendi que aquela professora era séria mesmo.

Eu nem fazia ideia do que era antropologia, mas aos poucos Clara foi mostrando o quão envolvente era aquele mundo. Era tudo tão bom e diferente, um mundo de mitos e ritos e formas.

No ano seguinte, ela me chamou para fazer parte do grupo de pesquisa que ela coordenava, como bolsista de iniciação científica. Ela sabia que eu precisava trabalhar, e que não podia estar sempre disponível, mas assim mesmo ela me aceitou, confiou em mim.

E com Clara fui aprendendo os caminhos da vida acadêmica – e aquela foi a única chance que eu tive. Cobrava bastante sim; a gente passava um dobrado pra entregar as tarefas cumpridas. Mas aquela oportunidade a gente tinha que fazer por merecer, e valeu todo o sacrifício.

E, desde então, em todos os passos que dei nesse início de trajetória acadêmica tive sempre a presença de Clara. Ela foi professora, orientadora, colega de pesquisa e também uma amiga. Esse carinho, essa confiança, eu já via na relação dela com os orientandos mais antigos, como a Cláudia, a Vanessa, a Andreia, o Sérgio, e vi crescer aos poucos com a Bruna, comigo.

Onde nascia respeito e admiração pela professora e antropóloga consagrada ia crescendo também carinho e amizade.

Essa amizade que Clara tecia com os alunos era que nem um labirinto de tramas que não desataram, nem vão desatar... Por nenhum deus. Nem pela usura dos dias.

E agora estamos todos aqui, falando de memórias.

Memórias que são um privilégio, porque são essas as pequenas sabedorias da linhagem direta da família dos milagres cotidianos e que não se perdem jamais.

Mas uma ausência... é tão elementar quanto uma lembrança.

Já se passou mais de um mês daquele dia 19 que nunca acabou, mas que está lá guardado, sob a integridade da noite.

Só fui me dar conta disso depois, quando voltei aqui pra UERJ, e olhei os corredores do nono andar vazios, que pareciam implicar comigo, insistentemente me dizendo que ela nunca mais ia chegar lá na ponta do corredor.

Ali, só habitavam o silêncio e o vazio. E a única coisa que se fazia ouvir era a realidade, falível, quase insuportável.

Por que o que nos livra da angústia, do peso insustentável da finitude, da falibilidade do real? Por que somos tão presos à vida, tal qual um jogador ao seu tabuleiro, que entre os dias vai movendo as peças da vida feitas de tempo, sonho e agonia? Como aqueles sinos dobram tanta agonia?

Essa é uma das coisas irrevogáveis da vida que a gente tem que aprender a lidar. O nosso destino de ferro...

Mas com o tempo a gente vai entrando aos poucos no mesmo rio em que Heráclito viu toda a nossa loucura.

Clara também me ensinou que a memória, mesmo que inventada, nunca é perecível. As lembranças têm um “quê” de mágica.

Assim como o tempo, nossas memórias sobrevivem às nossas metáforas e aos mitos, mesmo quando a gente se vê diante da rigidez dessas regras onipotentes que impomos às formas e aos nossos sonhos, e que com elas vamos tramando e destramando a vida, e, quando nos deparamos, não deu tempo de dizer aquelas frases que fazem diferença: “sabia que eu gosto tanto de você?” ou “como eu adoro o jeito que você tem de prender o cabelo” ou mesmo dizer, simplesmente, “adeus”.

Às vezes, por causa disso, penso que esquecer é um dom nefasto, filho do ocaso, como se nossa matéria fosse composta apenas de tempo. E para esquecer, muitas vezes, a gente prefere ter a ilusão de nem saber que partimos.

Mesmo que se julgue o tempo, ele sempre será intransigente, ele vem. Ele virá, e nunca em vão.

Olhar para trás, para esses cinco anos é ver uma trama elegante de coisas simples, delicadas e cuidadosas, impossíveis de se esquecer. Porque lembrar é como criar. É um ato de amor.

Ainda nos falta chão para erigir um novo tempo, mas acredito que já temos um azul para o céu desse tempo, um punhado de lembranças, uma saudade que cresce.

Essa saudade de você, Clara, é agora toda a magia que a gente tem.

Bernardo Guerra

*Mestrando em Ciências Sociais - PPCIS/UERJ*